

7<sup>th</sup> Slow Food  
International Congress  
Chengdu, China  
September 29-October 1, 2017

## **VII Congresso Internacional do Slow Food Chengdu, China, 29 de setembro – 1º de outubro de 2017**

### **Moção número 2**

#### **A África do Slow Food e Terra Madre**

Premissas:

-A África é um continente enorme, rico em florestas, água, terras férteis, minerais, petróleo. Mas é também um dos continentes mais atingidos por guerras, conflitos étnicos e religiosos, secas, fome. E é o continente que mais foi depredado na história da humanidade.

-Na África subsaariana, uma pessoa em cada quatro sofre de subnutrição.

-A agroindústria ocidental vende seu excedente nos mercados africanos a preços abaixo do custo, prejudicando os produtores locais. Nos mercados africanos, encontram-se sobretudo produtos importados da Europa, América e Ásia. Até as matérias-primas básicas (arroz, milho...) são importadas e custam menos que as matérias-primas locais.

-Governos e investidores privados do mundo inteiro estão se apropriando de um dos bens mais preciosos do futuro (a terra) no continente mais pobre do planeta. É o fenômeno conhecido como landgrabbing, a grilagem de terras, envolvendo milhões de hectares na Etiópia, Gana, Mali, Sudão, Madagascar...

-A agroindústria marginaliza a agricultura tradicional, apostando em monoculturas destinadas à exportação, substituindo os cultivos tradicionais por híbridos melhorados (e, em alguns países, por transgênicos), utilizando produtos químicos sintéticos (fertilizantes e pesticidas) de forma massiva.

-As frotas de Europa, China, Japão e Rússia depredam os mares das costas africanas e acabam com as comunidades costeiras, comprando licenças de pesca dos governos locais e pescando de forma indiscriminada.

-Embora contribua minimamente à acumulação de gases do efeito estufa – 4%, segundo declaração do vice-presidente da Comissão da União Africana – a África é o continente mais duramente afetado pela mudança climática, em termos de secas, desertificação e fome.

-Todo ano, milhares de jovens africanos morrem no Mediterrâneo em busca de uma vida melhor.

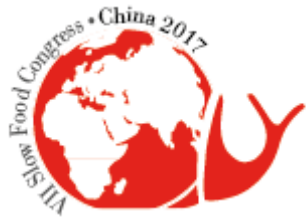
Nós, representantes da rede do Slow Food e Terra Madre, procedentes de 90 países, reunidos em congresso em Chengdu, na China, reiteramos veementemente o nosso compromisso com a África, com o objetivo de mudar radicalmente o rumo do continente que, mais que qualquer outro, está pagando o preço pela loucura do sistema alimentar mundial atual.

Em particular, comprometemo-nos a apoiar e realizar ações e projetos que visam:

– garantir o acesso a um alimento bom, limpo e justo para todos;

-dar seguimento e fortalecer o projeto das Hortas na África, que, com mais de 2.800 hortas (escolares e comunitárias) em 35 países, é hoje um dos mais importantes programas de difusão da agroecologia e contribuição concreta para a segurança alimentar das pequenas comunidades de todo o continente;

-mapear a biodiversidade tradicional de todo país (variedades vegetais, raças animais, produtos



7<sup>th</sup> Slow Food  
International Congress  
Chengdu, China  
September 29-October 1, 2017

processados) e incluí-la na Arca do Gosto como primeiro passo para defendê-la da extinção;

- apoiar os pequenos produtores, iniciando projetos concretos nas diferentes regiões, como as Fortalezas Slow Food, os Mercados da Terra, a Aliança entre cozinheiros e produtores locais e outros projetos baseados nos mesmos princípios;
- valorizar o papel das mulheres e sua importantíssima contribuição para a agricultura e a gastronomia do continente africano, e para a educação das novas gerações;
- resgatar e regenerar os conhecimentos tradicionais, como a capacidade das comunidades locais de selecionar e multiplicar as sementes;
- organizar eventos de formação e troca entre as comunidades africanas, para compartilhar os princípios da agroecologia e para conscientizar adultos e crianças sobre o significado e a importância de comer alimentos locais;
- apoiar campanhas de informação, com o objetivo de deter a difusão de transgênicos, monoculturas e grilagem de terras;
- promover a integração dos imigrantes africanos nos diversos países europeus, organizando atividades, inclusive em contato com os países de origem;
- criar uma rede de jovens líderes africanos, conscientes do valor de sua terra e com capacidade de fortalecer a rede africana do Slow Food; incentivar o nascimento de novas comunidades do alimento; orientar o lançamento de novas Fortalezas e Mercados da Terra; e apoiar o aperfeiçoamento das políticas agrícolas e alimentares.